

Indústria não crê em controle da inflação ou reaquecimento em 93

por Márcio Raposo
de São Paulo

O ano de 1993 não deverá ser muito diferente do ano de 1992 para a indústria paulista, que registrou no ano passado uma queda de 4,8% no seu nível de atividades e elas dizem que em 1992 já reduziram a margem de lucro e os preços. Isso é o que indica uma pesquisa realizada pela Federação e Centro das Indústrias do Estado de São Paulo com apoio das "regionais" do Serviço Social da Indústria (SESI), entre os dias 4 e 28 de janeiro últimos.

Foram ouvidas 950 empresas — 40% na capital e 60% no interior — sendo 435 micro e pequenas, 360 médias e 155 grandes, e 63% delas declaram acreditar que neste ano haverá pouco (57%) ou nenhum (9%) controle da inflação. "Portanto os 12% anunciados como meta para a inflação em 1993 parecem que não passam de um sonho de uma noite de verão", colocou ontem Horácio Lafer Piva, diretor da FIESP responsável pela pesquisa — a 3ª Sondagem de Opinião.

Piva afirma que, os dados da pesquisa apontam um "ano apático" em 1993, uma vez que 57% das indústrias ouvidas projetaram nenhum ou pouco crescimento econômico — outros 39% referiram-se ao ano como de "relativo" crescimento e só 4% acreditam num ano de "muito crescimento". Na questão da redução do déficit público 83% das empresas acreditam que em 1993 haverá pouco ou nenhuma redução do déficit e 17% acreditam numa redução relativa ou muita redução.

RECESSÃO

A maioria das empresas não acredita no fim da recessão em 1993: 95% dos ouvidos acreditam que há pouca (62%) ou nenhuma (33%) possibilidade do fim da recessão no decorrer do ano. Pelo menos 78% deles disseram que acreditam em "pouca" ou "nenhuma" possibilidade de ocorrer a implantação de um plano econômico ao longo de 1993 — "aqui entendido plano como a possibilidade de um novo choque" explicou Piva.

90% das empresas paulistas acreditam que há nenhuma ou pouca possibi-



Horácio Lafer Piva

lidade da dolarização da Economia em 1993 contra outros 10% que acreditam que há muita possibilidade e outros 92% não acreditam em congelamento de preços em 1993 contra 8% que acharam que a possibilidade de voltar a ocorrer é "muito grande".

Uma surpresa para a própria FIESP, ao ouvir as "suas bases" foi o grande número de industriais que apóiam o imposto único, pelo menos 64% responderam que o imposto único traria "muito" benefício, "favorecendo novas perspectivas de desenvolvimento e melhoria" e 44% acreditam que a reforma fiscal e tributária trará benefícios. É bom lembrar que a FIESP já se posicionou formalmente contra o imposto único e está "brigando" contra a adoção do IPMF com o governo.

Uma das poucas questões onde apareceram empresas "sem opinião" ante ao assunto foi a da Reforma da Constituição, onde 14% das indústrias "ainda não pensaram sobre o assunto e isso é muito grave uma vez que teremos que estar coesos e fortes para

lutar na Reforma da Constituição", comentou Piva. 40% dos ouvidos acreditam que a reforma poderá trazer "muito" benefício e outros 32% acham que ela trará "pouca" melhoria, 14% ficaram entre nenhum benefício ou que a reforma será "prejudicial".

Também quanto à instituição do "contrato coletivo de trabalho" 25% das empresas estão "sem opinião" enquanto 16% achavam que ele não trará "nenhum benefício", 17% "muito" benefício e 31% um "pouco".

INVESTIMENTOS

Um fato a destacar é que em 1993 26% das indústrias ouvidas projetaram aumento dos investimentos no primeiro semestre deste ano, outros 55% vão manter o nível investido e 19% estimam reduzir. Algo parecido projeta para o nível de emprego: 64% estimam manter o número de empregados até junho, 18% projetam um "aumento" dos quadros e 18% uma redução de pessoal.

A previsão para o comércio exterior é de uma melhoria no quadro das exportações. 51% das indústrias declaram que projetam um aumento para os embarques no primeiro semestre e 42% vão "manter". Quanto às importações 29% programam um aumento de 55% uma manutenção. E é nesse sentido de "melhoria dos embarques" que Piva interpreta a projeção de 47% das empresas com aumento de produção no primeiro semestre — 44% vão manter e 9% vão reduzir, sendo que 58% delas vão manter o mesmo nível dos estoques de 1992 e 28% vão reduzir.